



Tema em Debate

A melancolização na infância contemporânea: entre o linchamento virtual e a política do “no touch”

Julieta Jerusalinsky*

Psicóloga, especialista em Estimulação Precoce pela F.E.P.I (Fundación para el Estudio de los Problemas de la Infancia). Mestre e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Membro docente da Clínica Interdisciplinar Centro Lydia Coriat de Porto Alegre (RS). Membro clínico da Clínica Prof. Dr. Mauro Spinelli, SP. Psicanalista, Membro do Sedes Sapientiae (SP) e da APPOA (RS). Supervisora clínica e institucional do Espaço Escuta (Londrina, PR) e do CISMENPAR (Londrina, PR). Coordenadora do Módulo de Detecção Precoce, Eixo da Infância e Adolescência do REDESAMPA: Saúde Mental Paulista (2018) para formação de profissionais da Rede SUS do Município de São Paulo, SP, Brasil

Resumo: A melancolia na infância e adolescência contemporâneas é considerada, neste artigo, não como um “transtorno de depressão” isolado, e sim como sintoma produzido como resposta psíquica em uma sociedade extremamente individualista, maníaca e performática que leva a um modo de relação coletiva em que prevalece o registro do amoródio, pelo qual o sujeito, pendurado imaginariamente das redes sociais virtuais, pendula entre a fama e a difamação, ao mesmo tempo que produz formações persecutórias guiadas pela chave da especularidade no encontro com os semelhantes.

Palavras-chave: melancolia; Psicanálise de crianças; intoxicações eletrônicas; virtualidade; laço social.

La melancolización en la infancia contemporánea: entre el linchamiento virtual y la política del “no touch”

Resumen: La melancolía en la infancia y adolescencia contemporáneas es considerada en este artículo, no como un trastorno de depresión aislado, sino como síntoma producido como respuesta psíquica en una sociedad extremadamente individualista, maníaca y performática que lleva a un modo de relación colectiva en el cual prevalece el registro del amorodio, por el cual el sujeto, colgado imaginariamente en las redes sociales virtuales, oscila entre la fama y la difamación y produce formaciones persecutorias guiadas por la clave de la especularidad en el encuentro con los semejantes.

Palabras-clave: melancolía; Psicoanálisis de niños; intoxicaciones electrónicas; virtualidad; lazo social.

Tem sido muito frequente que escolas procurem diferentes profissionais do campo *psi* preocupadas em trabalhar com a questão da desmotivação e depressão que encontram em vários de seus alunos, assim como com situações de linchamentos virtuais e intolerâncias produzidos entre eles. Apresentam-se também recorrentes casos de cortes, passagens ao ato, e até mesmo suicídios entre jovens nos últimos tempos.

Há os que se deprimem e os que passam ao ato, revelando a todos que algo não vai bem. Diante disso, um dos discursos que se produz, de forma bastante

reducionista, é o de considerar tal questão epidemiológica como uma disfunção, um transtorno ou um mau funcionamento de alguns de forma isolada. Ao mesmo tempo em que não devemos vitimizar o sujeito e, nos tratamentos, sustentemos a escolha que lhe concerne, é preciso que estejamos atentos ao fato de que empurrar tal questão apenas para a esfera do individual implica renegar o quanto o laço social vem se estabelecendo de forma performática e competitiva, passando a ser suposto como normalidade um estado de permanente mania,

* E-mail: julietajerusalinsky@gmail.com

que faz os cuidados dirigidos às crianças e jovens ficarem cada vez mais atropelados por um curto circuito entre o discurso universitário (com seus saberes técnicos) e o discurso capitalista (com suas promessas de acesso pleno ao objeto de gozo).

Diante dessas questões, há uma demanda social – para além da justa preocupação dos profissionais das escolas implicados no sofrimento de seus alunos – desde a qual se quer a justa palavra para fazer esse mal-estar apresentado pelos jovens parar de forma rápida e eficaz. Mas como bem nos recorda Freud, um tratamento psicanalítico (ou uma abordagem psicanalítica da questão) funciona como uma gestação. Trata-se da formação de um bebê inteiro, não há como fazer só uma orelha ou um nariz: é preciso tratar de todo o quadro, ou seja, do que faz pano de fundo a um sintoma, e isso muitas vezes implica ter que mudar o que a princípio não incomoda, ou não se quer mudar.

Gostaria então de iniciar com uma breve história transcorrida em contexto escolar:

Um jovem de 15 anos relata que, em sua escola, um professor costumava “aproximar-se demais” dos alunos. Diante de tal afirmação a minha pergunta foi: – mas o que quer dizer “aproximar-se demais”?

Temos aí uma coagulação de sentido que resulta necessário atravessar em nossos tempos, pois o que é demais ou de menos muda em cada época ou cultura. Na nossa, tais significantes tendem com facilidade a virar signos de assédio ou abuso sexual ao se engancharem rapidamente em discurso social pronto e disponível, *prêt-à-porter*, desde o qual a proliferação de fantasias moralmente escandalosas tem a uma *via de facilitação* franqueada pelo mal-estar contemporâneo. (Tomamos aqui o conceito proposto por Freud em Projeto para uma Psicologia científica, de 1895, para situar a tendência à repetição no psiquismo, estendendo o mesmo na direção de que o discurso social também facilita certas tendências à repetição da significação dos acontecimentos pelo coletivo da cultura).

A partir de minha pergunta, o jovem então desdobra em narrativa os supostos atos que seriam excessivos, contando-me que, ao estabelecer uma conversa, esse professor aproximava “demais” o rosto de seu interlocutor (mesmo sem contato físico algum); ou, quando os alunos estavam sentados na carteira e pediam a ajuda do professor para poder

avançar na tarefa, esse professor, eventualmente, colocava a mão por cima do ombro dos alunos. Isso era vivido por alguns com desconforto. Também narra que esse mesmo professor, certa vez, diante da fala de uma colega de trabalho que disse estar com dor de cabeça, tocou um ponto nevralgico de sua nuca que conhecia como sendo capaz de ajudar a resolver tal dor, sem dizer-lhe antes palavras tais como: “com licença, você me permite este procedimento?” Apesar de sua colega não ter sentido incômodo algum com isso e ter ficado sumamente grata, a cena não deixou de causar espanto aos da outra geração, na medida em que havia se produzido um contato físico não antecedido por um consentimento verbal.

Escutei isso de forma preocupada. Estava ali estabelecido, mais uma vez, o terreno fértil para o escândalo e linchamento moral que têm sido recorrentes em nossos tempos, e, certamente, o jovem que fazia o relato estava muito atento à minha reação, pois, diante da suposição dos fatos que ficavam no ar, qualquer gesto ou palavra facilmente poderiam produzir um engalfinhamento imaginário pela aliança ou pela rivalidade (ambos igualmente danosos nesses casos, já que guiados pela chave do narcisismo que, como bem nos recorda Freud, é o tipo de relação com o objeto que está na base da mania ou melancolia (FREUD, 1915[1917]/1977, p. 247).

Conta-me, então, que a direção da escola levou a sério a situação (tremi mais uma vez). Mas em lugar de emparelhar ou engrandecer tais queixas, ou ainda deixar a boataria correr solta “tirando o corpo fora”, a escola decidiu por todos a trabalhar a partir de tal mal-estar, dando lugar a um diálogo em que a palavra pôde circular de forma respeitosa entre professores-alunos e entre as diferentes gerações, discutindo juntos a questão dos códigos culturais e de como seria possível atravessar esse mal-estar sem que se produzam escândalos espetaculosos e caricatos em que o gesto do outro, por ser diferente, fixa-se instantaneamente como comportamento patológico ou imoral. Podemos pensar como para uma geração anterior a rigidez entre professor e aluno era tal que poder manifestar afeto em relação à geração seguinte poderia ser considerado até mesmo libertário, não tendo “nada demais”, ainda que na atualidade tal questão pareça ter mudado novamente de valor devido a um novo contexto cultural que exige

reconsiderar o lugar para tais gestos.

Fiquei comovida com esse relato. Nesse pequeno episódio operou-se algo grandioso ao meu ver. Um verdadeiro ato de transmissão educativa nessa escola, que se não fará esses alunos “felizes para sempre” (em uma promessa de gozo ilimitado) certamente irá dar-lhes mais chances de lidar de um modo menos infeliz, no sentido de menos fadado ao pior, com o mal-estar na civilização. Eles fizeram juntos uma experiência de travessia da desconfiança diante do outro para a sustentação da alteridade.

Não é pouca coisa encontrar uma saída singular e coletiva diante do Outro encarnado que não é plenamente satisfatório (em lugar de acusá-lo do pior porque não realiza todos os ideais), do outro que é diferente porque pertence a outra cultura (em lugar de engendrar o ódio e destrutividade ao estrangeiro); ao que exerce outra função como a de professor (que pode gerar ódio simplesmente por não estar em um lugar simétrico e plenamente equivalente, mas que nem por isso é autoritário), ao que é de outra geração (e que por isso mesmo tem outras experiências que não precisam ser simplesmente aniquiladas como velharias que caíram na obsolescência), ainda ao que é de outro sexo (considerando insuportável a diferença ou destituindo a qualquer enunciação que não esteja atarraxada ao traço do real do corpo. No viés de que só mulheres poderiam falar de mulheres e por aí vai – via pela qual os direitos humanos parecem ficar substituídos pelos direitos do corpo real).

Essa é uma pequena história de final feliz porque nos conta que é possível sim produzir laços com lugar e diferenças. Diante de um convite para falar sobre melancolia na infância e adolescência em nossos tempos, creio que é importante contar uma história que termina bem para dizer, mais do que isso, para tentar demonstrar, que há esperanças, ou melhor, que podemos construí-las, dependendo do modo em que sejamos capazes de sustentar os laços com os nossos semelhantes.

Freud afirma que a melancolia pode se instaurar não só diante da perda de uma pessoa amada, mas também diante da perda de uma abstração que ocupe o seu lugar como um ideal, uma pátria, a liberdade etc (FREUD, 1915[1917]/1977, p. 241).

Estamos vivendo uma mudança abrupta de códigos de conduta no modo de nos relacionarmos e isso tange ao lugar que ocupa a palavra, os corpos e a sexualidade. Há bandeiras libertárias desde as quais

se discute o direito de uma mulher ao aborto e, portanto, de ter o poder de decidir acerca de algo que se passa em seu corpo; se estabelecem direitos civis de casamento gay e de famílias multiparentais (não restritas ao modelo biológico e heterossexual); e deixam de ser silenciados casos em que se produzem submetimentos sexuais em nome do exercício do poder (como, por exemplo, nos abusos cometidos contra mulheres dentro das empresas).

Ao mesmo tempo em que isso acontece, também se escancara um gozo coletivo no denunciamento, desde o qual acusar o outro, e apenas o outro, de algo hediondo acerca de sua suposta falta moral fica na ordem do dia. Todos parecem ter uma história pior e pior para levar a público de modo escandaloso. Produz-se um espetáculo no qual a revelação *da verdade* silenciada que desmascararia o outro e as suas horrendas privacidades “suas” emerge de um modo ameaçador e condenatório. Nessa lógica, é difícil saber onde está a perversidade, se no desmascarado ou em quem, ao acusar desse modo, pretende se salvaguardar de qualquer falta e tomar para si o lugar de moralmente intaxável, produzindo uma montagem desde a qual recusa a sua própria falta apontada apenas do lado do outro.

Também há aqueles que, mesmo sem acusar, se afastam rapidamente dos acusados, em um contágio histórico desde o qual temem terem seus egos manchados pelos respingos difamatórios. Se até ontem essa era uma grande pessoa, a partir do ocorrido, o que parecia ser um laço simbólico se derrete como plástico perto da fornalha, e antes de que a miragem narcísica no outro termine de se deformar, as pessoas se desligam, como *plugs* tirados da tomada.

Como narra Michel Laub em *O tribunal da quinta-feira* (cuja leitura recomendo, afinal, como dizia Freud, os escritores estão sempre um passo adiante dos analistas), ninguém na atualidade está a salvo de um linchamento virtual, assim como ninguém sobrevive a um grampo ao ter escarafunchada e exposta a sua intimidade. Isso é o que ocorre com o protagonista do romance ao ter vazados trechos de um diálogo com seu amigo e ter exposto os mesmos fora de contexto. Ele afirma: *todo fascista julga estar fazendo o bem. Todo linchador age em nome de princípios nobres. Toda vingança pessoal pode ser elevada a causa política e quem está do outro lado deixa de ser um indivíduo que erra, como qualquer indivíduo, em meia dúzia de atos em meio aos milhares*

praticados ao longo de 43 anos, para se tornar o sintoma vivo de uma injustiça histórica e coletiva baseada em horrores permanentes e imperdoáveis.

A difamação corre solta na fofoca amplificada pelas redes sociais. Isso é assim desde as relações mais cotidianas até nas altas esferas de poder político, a partir da qual os processos da justiça formal correm o risco de inverterem a sua lógica: como o cidadão já senta na cadeira do réu estando condenado pela difamação de seus semelhantes, corre-se o risco de que o tribunal venha fazer o seu julgamento em uma espécie de falso anteparo da carnificina, em que se vê tentado a ser confluyente com a vontade dos cidadãos enfurecidos com tochas e pedras na mão, mas dando um verniz de código moral aos acontecimentos nas formas frias da lei.

Pela lei se é considerado inocente até que se prove o contrário. Mas, em tempos de escândalo e paranoia social, a lógica está invertida: todos são potencialmente culpados e, perante a difamação do tribunal das redes sociais, é o réu quem passa a ter que provar sua inocência.

Na sociedade da pós verdade, a Internet – ferramenta que permitiria o acesso à informação sem censura do estado e o diálogo entre cidadãos de mais diversos cantos do mundo – vem sendo instrumentalizada em um desmonte dos laços sociais e dos movimentos políticos ao espalhar boataria que propositalmente são feitas de conteúdo enganoso (pelas quais até o termo *fake news* foi expropriado).

Os jornalistas têm procurado fazer um trabalho de reconstrução perante o rompimento que se apresenta de total descompromisso entre o dito e os fatos. Em tempos em que em nome do gozo se empunham verdades é preciso perguntar: que saber é esse? De onde ele veio? No que se apoia? Que lógica o sustenta? Interessante que o que tem se oposto às *fake news* seja um projeto chamado com-prova – justamente apontando o furo da falácia compartilhada na contemporaneidade desde a qual qualquer opinião seria equivalente a qualquer outra, simplesmente é verdade porque alguém acha, sem precisar sequer dar-se ao trabalho de qualquer arguição lógica que concatene os fatos para fundamentá-la.

Recentemente um jornalista digitou, em meio de uma longa discussão sobre pedofilia, as palavras: “sexo, sem consentimento, com crianças”. Esse “sem consentimento” que ficou truncado no meio da frase

bastou para que fosse difamado, na medida em que outra pessoa recortou esse trecho e o compartilhou com milhares. A partir daí, o filho desse senhor, que agora é um bebê, ao fazer no futuro uma busca pelo nome de seu pai na Internet o encontrará para sempre associado ao termo pedófilo.

Percebe-se aqui como a difamação e condenação se colam na atualidade sem intervalo no meio. Na velocidade da antena parabólica se destrói o outro, recortando e expondo fora de contexto uma palavra ou uma imagem, à revelia do que tenha sido a coerência simbólica sustentada ao longo do percurso de toda uma vida. Ora, entendemos que, para sair do luto é preciso representar a perda do objeto, mas o que ocorre quando a extensão simbólica sustentada com muito trabalho psíquico por alguém ao longo de toda uma vida é aniquilada por um fragmento que sempre lhe fará sombra – vejam como aí fica facilitada a passagem para a melancolia.

Há poucos dias, a colega e fonoaudióloga Ana Clélia Rocha chamou a minha atenção para a seguinte manchete: Em congresso dos EUA, pesquisador que desenvolve há mais de 20 anos trabalho de conservação com tartarugas no INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia) teve seu trabalho censurado e seu prêmio de pesquisa caçado porque, ao mostrar fotos de manejo de animais, suas pesquisadoras (que não estavam vestidas à moda de guardas florestais de desenho animado americano, e sim em trajes de banho) tiveram tarjas pretas postas sobre os seus corpos nas imagens consideradas inapropriadas, a partir do qual, a imaginação correu solta na Internet e não faltou quem supusesse que os pesquisadores estavam pelados. Apesar da manifestação de vários pesquisadores e alunos vinculados, o ato de censura e a retirada do prêmio causadas por uma armação política revestida de moralidade sexual podem fazer com que a pesquisa perca a sua verba (a matéria saiu publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de 13 de agosto de 2018. Lá constam as fotos de pesquisadores em pleno ato de manejo de quelônios!) (BOTTALLO, 2018).

Como os psicanalistas, trabalharemos com a fantasia, como tramitaremos as vicissitudes da pulsão e sua negociação com a realidade em tempos em que o que cada um imagina e lança projetivamente contra o outro vira a verdade (unívoca) de forma tão espetacular?

Estariamos passando do sujeito suposto-saber

que leva o neurótico à direção de elaborar o desconhecido de si mesmo, ao sujeito suposto perverso polimorfo que é preciso desmascarar acusatoriamente para recobrir a sua própria falta de garantias de saber?

Encontramos por todos os lados atos, como esse, que realizam o obscurantismo contemporâneo da inquisição difamatória: não é preciso mais sequer dar um passo em falso. Na falta do tropeço é só dizer que, mesmo que a caminhada seja reta, “as intenções implicadas na mesma seriam duvidosas” e pronto, isso basta para que o cidadão seja jogado do alto do precipício virtual das redes-sociais.

Mas que rede é essa? Na navegação pela Internet das redes sociais, as constelações dos astros (celestes e das celebridades) são permanentemente estabelecidas e destituídas, os fios que as unem a cada dia são outros, mudam de figura. Diante disso, o *sujeito wireless* perde o fio do desejo que alinhava seu passado ao seu presente e seu futuro (lembremos aqui a frase de Freud, 1908/1977).

Em tempos em que os textos são cada vez mais curtos, sendo tantas vezes empurrados para o lugar secundário de legendas, as letras se fazem pequenas diante da pregnância da imagem *visualizada*. Não há mais tempo nem lugar para a extensão discursiva e para o modo em que, com e pela palavra, o sujeito trabalhosamente tece uma lógica entre os supostos acontecimentos. Somente a palavra implicada, somente a palavra que se enuncia quando se está disposto a pagar com o real do corpo para sustentá-la em seu valor simbólico, pode barrar, fazer anteparo, ao infinito das proliferações imaginárias.

Recentemente assisti ao filme de Spielberg (JOGADOR..., 2018) embasado no livro *O jogador número um* (de Ernest Cline). O futuro proposto nessa ficção é a de que ficaremos reclusos em nossa casa gozando de ir para todos os lugares sem sair do lugar (frase textual pronunciada no filme acerca dos encantos da virtualidade) e de que, no fim de semana, talvez façamos a exótica experiência de darmos uma chance de encontrar-nos com os outros habitando nossos corpos.

Se isso se passa na ficção, desde a realidade deparamos com o fato de que o recente festival pornográfico de realidade virtual ocorrido no Japão foi cancelado devido à superlotação (CUTHBERTSON, 2016). Será que o desconforto com a alteridade é

tanto que estamos em tempos nos quais seria preciso evitá-lo a todo custo mesmo que isso implique ficar absolutamente só, cada qual absolutamente centrado no objeto da sua fantasia? Em *Luto e melancolia*, Freud (1915[1917]/1977, p. 242) afirma que *na melancolia há uma retenção de objeto por uma via alucinatória do desejo*. Coloca que, em um caso extremo, isso pode levar a uma condição de psicose. Mas podemos indagar: o que ocorre quando o que se propõe no laço social convida a um enlouquecimento coletivo?

O *sujeito wireless* oscila entre a fama e a difamação. Por isso, seu estado anímico costuma também pendular entre a mania e a melancolia, entre a euforia e a depressão, entre a bola cheia ou murcha do imaginário, passa de um polo a outro com muita facilidade na medida em que está à deriva. Carece da bússola que vetoriza seu desejo marcando um norte simbólico no ideal do eu. Sem esse referencial simbólico, se perde em meio às tempestades para tentar fugir de monstros ou muda de curso a cada instante atrás de miragens paradisíacas, ambos frutos de projeções imaginárias feitas na escuridão.

Como nos revela Byung-Chul Han em *Sociedade do Cansaço*, na contemporaneidade adoecemos, não por falta de defesas, mas pela hipercoleção (hiperatividades, *burnout* são exemplos disso). Ele afirma que qualquer animal é multitarefas, se alimenta ou tem relações sexuais vigiando o horizonte com temor de ser predado, o maior ganho cultural está na contemplação e não na hiperatenção. Nesse sentido, evoca Walter Benjamin ao ligar o tédio profundo ao pássaro onírico que choca o ovo da experiência, opondo o ato criativo à pura ação de inquietação (HAN, 2015, p. 33).

Assim, onde pensamos estar extremamente vivos, estamos mortificados pelo excesso. O sujeito fica consumido em seu próprio consumo e se vê cair em obsolescência junto com o modelo de seu gadget eletrônico ultrapassado (JERUSALINSKY; BAPTISTA, 2017).

Em *O Tempo e o Cão; Atualidade das Depressões* - Maria Rita Kehl (2009, p. 24) afirma que “se as estruturas clínicas não variam, as condições de adaptação dos neuróticos ao seu meio social dependem inteiramente das condições da cultura”. O pano de fundo da melancolia é o de uma sociedade que hipervaloriza o objeto de consumo em detrimento ao lugar da palavra e extensão narrativa

que dê lugar à elaboração da experiência; que propõe o desligamento dos outros em prol da exigência exacerbada de realizar o encontro com o objeto de sua fantasia; que cultua um estado de euforia no qual a tristeza causa estranhamento, que repudia qualquer fracasso e se cega pelo brilho passageiro do triunfo. Nesse sentido, a depressão e os suicídios que temos testemunhado não podem ser considerados como uma falha em si, é preciso lê-los como o outro lado da moeda da aceleração maníaca que tem se considerado normal.

Como sempre, as crianças são as que gritam que *o rei está nu!* Elas estão nos advertindo em que rumo caminhamos na medida em que tantas afirmam que, ao crescerem, querem ser youtubers, para terem milhões de visualizações, de *likes*, porque o que vale mesmo na cultura contemporânea é ser famoso, por qual motivo é o de menos, a causa em questão é totalmente secundária, o que importa é a fama em si, em um puro triunfo narcísico de potência imaginária (eu-ideal) desprendida de um referencial simbólico (ideal-do-eu). Desse modo, as crianças nos devolvem a demanda social que elas mesmas recebem no qual o que está em jogo não é sequer um “apareço logo existo” e sim um “eu sou a minha imagem” (como aponta Baudrillard em *A transparência do mal*).

Ironicamente, o ícone de *like* ou *dislike* (dedão para cima ou para baixo) das curtidas da rede social é o mesmo que, reza a lenda, se utilizava no Coliseu para decidir se um gladiador deveria ou não ser morto.

A ficção de George Orwell, *1984* (1949), parece ter virado realidade. Por momentos vivemos em um *Big Brother* em que a Internet vira o veículo do *grande irmão*, do panóptico da sociedade de controle (FOUCAULT, 1987) desde o qual assistimos à caçada do semelhante repentinamente revelado, mostrado a nós como um monstro a ser aniquilado nas *teletelas* por suas *crimideias*. O que era próximo vira então um total estranho. Pois, se a monstruosidade do semelhante é a verdade absoluta, então o laço que se tinha com o outro só podia ter sido um engano a ser desmentido. O laço evapora sem tempo ou lugar a dúvida, em um instante veloz se recusa que se possa ter algo a ver com esse que é lançado à fogueira da inquisição virtual. Se armam então maniacamente os movimentos de tecer com os astros novas constelações imaginárias do mundo virtual dos cidadãos que se supõem virtuosos, movidos pelo

ímpeto de recusar *a parte obscura de nós mesmos* (ROUDINESCO, 2008) ao depositá-lo apenas no outro, até então um semelhante, mas agora visualizado como o que se deve exterminar.

A ordem é não se deixar tocar pela divisão. Se surge a dúvida, o melhor é acusar o outro, para salvaguardar-se e rapidamente reestabelecer-se em sua própria certeza. Essa é a formação perversa contemporânea travestida de paladina moral. Assim, as discussões se polarizam, não há mais lugar e tempo para a complexidade da reflexão para o diálogo de diferentes concepções, para a dúvida. É urgente tomar posição, precipitar-se no ato em que o diferente é o inimigo a ser linchado. O estrangeiro é o insuportável diante do qual se pretende erguer muros. Mas o que fica do lado de dentro desse muro?

No mesmo país em que se produz uma eleição movida pelas *fake news* da sociedade da pós-verdade e em que se ergue muros contra estrangeiros, não se limpa mais o bumbum dos bebês na creche. As fraldas sujas são retiradas e as limpas colocadas sem que se toque nas “partes íntimas” do bebê, sem que se passe sequer um lençinho. A política é a do “no touch”, porque qualquer gesto de aproximação ao corpo do outro é passível de ser considerado um excesso. Então as criancinhas voltam para casa com seus bumbuns assados.

Mas não seria isso em si mesmo um excesso, uma formação reativa pela qual, diante do temor de que o amor possa ter qualquer relação com o *eros*, com um fiozinho de erotismo e com a sexualidade, passa-se defensivamente a atuar o ódio, o descuido até com pequenas crianças, deixando suas bundas sujas e, portanto, com assaduras para que não possa ser levantada a desconfiança de que nossas almas virtuais e virtuosas estão perfeitamente limpas?

Evoco a esse respeito a estrofe de Gilberto Gil “subo nesse palco, minha alma cheira a talco como bumbum de nenê”. Quando a loucura-histórica da certeza coletiva é a de que o outro é podre e deve ser excluído, cada um fica desconfiado e, portanto, profundamente só. Quando o espírito social é o de que a alma do semelhante, e só a dele, é suja, deixa de ser possível cuidar de forma coletiva, até mesmo das crianças. Se não cuidarmos dos laços, se o que ocorre com o nosso semelhante não pode nos tocar mais, e devemos salvaguardarnos de qualquer divisão que gere desconfiança mantendo-nos o mais longe

possível do outro, os ares dos nossos tempos irão, a cada vez, cheirar mais mal. Qualquer semelhança disso com regimes totalitários e higienistas não é mera coincidência.

Geralmente, tendemos a idealizar a infância como uma época cheia de vivacidade, curiosidade, invenção e brincadeira, em que um estado de permanente criatividade impediria qualquer manifestação de tristeza. No entanto, temos deparado com crianças que não encontram graça alguma no viver, sem curiosidade. Crianças sem tempo ou lugar para inventar, que circulam pelo mundo com agendas cheias, imaginando o futuro não como fonte de possíveis realizações, mas de mais e mais compromissos. Um sentimento de perda inespecífico as assola e lhes produz uma interrogação: crescer para quê? Ao educar as crianças desde o pragmático princípio de super equipá-las para o futuro, submetendo-as a um excesso maníaco de ofertas de informação e de consumo, pode-se estar tirando delas algo fundamental: o encontro com um certo vazio que é central para desejar e poder inventar. Elas se encontram duplamente assoladas pela sombra do objeto enquanto consumidoras consumidas: por um lado, abarrotadas de objetos-fetichismo com os quais não brincam e as deixam como espectadoras em lugar de servirem de apoio para um fantasiar; (vejam, a esse respeito, os diversos vídeos de crianças invadidas de um excesso ou até mesmo aterrorizadas diante de brinquedos espetaculosos que se brincam sozinhas).

Por outro lado, as crianças são elas mesmas consumidas por estarem submetidas à condição de realizarem a demanda de um bom produto do investimento narcísico dos pais. Como afirma Bauman (2007)

na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável.

Ao querer poupar as crianças de atravessar o mal-estar que se apresenta no encontro com o semelhante elaborando a dimensão da castração e da não satisfação plena, acaba por se lançar os rebentos a um jogo voraz de performance narcísica, esvaziada da perda necessária que opera na satisfação de cada um.

Apesar de todas as ofertas de consumo que, por meio do discurso capitalista, fomentam a promessa de que pagando bem seria possível ter acesso ao

objeto ideal de forma instantânea, no encontro com o semelhante se revela o quanto produzir um laço exige tempo, que este nunca encaixa plenamente e, ainda por cima, jamais teremos nosso investimento de volta, afinal nos relacionarmos com os outros pela linguagem, e esta implica a polissemia, os equívocos e os mal-entendidos. Mas será que, por isso, devemos descartar os outros pelas suas incompletudes (recobrando com isso nossa falta a ser), odiá-los onde eles falham (ocultando com isso nossa própria castração), aniquilá-los por suas diferenças (erigindo uma certeza totalizante que nos salvaguardaria de qualquer dúvida)? Como faremos para lidar com os fracassos do viver que nunca têm uma solução nem imediata nem plena sem nos sentirmos impelidos a pular da primeira janela?

Lembrem, começamos com uma história com final feliz. Uma experiência que coloca em seu devido lugar a responsabilidade que temos com a geração seguinte. Afinal, como entenderemos o que Freud (1914/1993) diz em *Introdução ao narcisismo* ao afirmar que temos com a geração seguinte “esperanças de que eles venham triunfar onde nós fracassamos”? Onde está o triunfo e onde está o fracasso, cabe perguntar...

Pois, quanto mais se incrementar a ideia de um triunfo individual e narcísico de cada rebento contra o outro, mais cada um ficará lançado aos leões da arena social, com uma solidão vivida, não como a irredutível singularidade do desejo, mas como a devastação que se introduz quando, na voracidade de abocanhar tudo, fica-se sem ter com quem compartilhar (repartir o pão).

Por isso, em lugar de fomentar triunfos individuais ou saídas totalitárias, é preciso dar-se ao trabalho de levar a sério e tramitar pela palavra, se possível, com algum humor, os inevitáveis fracassos comportados no viver e no sustentar laços, caso contrário a queda dos ideais coletivos fará com que a sombra do objeto (FREUD, 1915[1917]/1977) se alongue cada vez mais melancolicamente sobre nós.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria* (2007). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BOTTALLO, Ana. Pesquisador de tartarugas tem prêmio cassado após apresentação censurada. *Folha de São Paulo*. 13 ago. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/08/pesquisador-de-tartarugas-tem-premio-cassado-apos-apresentacao-censurada.shtml>. Acesso em: 12 set. 2018.
- CUTHBERTSON, Anthony. Virtual reality porn festival cancelled due to overcrowding. *Newsweek*, 4 Jul. 2016. Disponível em: <https://www.newsweek.com/vr-porn-samsung-gear-virtual-reality-477369>. Acesso em: 22 ago. 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir* (1975). Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 1, p. 421-422. Edição Standard Brasileira.
- _____. Escritores criativos e devaneio (1908). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. v. 9, p. 147-158. Edição Standard Brasileira.
- _____. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1993. v. 14, p. 65-98.
- _____. Luto e melancolia (1915[1917]). In: SALOMÃO, Jayme (Org.). *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1977. Rio de Janeiro: Imago, 1977, v.14, p. 249-263. Edição Standard Brasileira.
- GIL, Gilberto. *Palco*, álbum A Gente Precisa Ver o Luar, 1981.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço* (2010). Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- JERUSALINSKY, Julieta; BAPTISTA, Angela. *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais*. Salvador: Ágalma, 2017.
- JOGADOR nº 1. Diretor: Steven Spielberg. USA: Warner Bros, 2018. 1 DVD (140 min).
- KEHL, Maria Rita. *O Tempo e o Cão: atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KOLTAI, Caterina. Racismo: uma questão cada vez mais delicada. *Ide*, São Paulo, v.31, n.47, pp. 66-69, 2008.
- LAUB, Michel. *O tribunal da quinta-feira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ORWELL, George. *1984* (1949). São Paulo: Companhia Nacional, 1984.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *A parte obscura de nós mesmos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- Recebido em: outubro de 2018.
Aceito em: novembro de 2018.